

**CÉSAR AUGUSTO DE ARAÚJO (17/05/1898-04/12/1969):**

**O Mestre da Pneumologia na Bahia**



Nasceu em Salvador, no dia 17 de maio de 1898, filho de Antonia Santiago de Araújo e José de Araújo. Graduou-se em Medicina pela FAMEB em 1920, aos 22 anos. Sua tese inaugural foi “A Correlação Hepato-Renal – Rim Hepático e Fígado Renal”, aprovada com distinção. Na formatura foi laureado com o Prêmio Prof. Alfredo Britto.

Em 1921, já iniciava sua brilhante carreira docente, como Assistente Interino da 1ª Cadeira de Clínica Médica. Em 1927, defendeu tese para Livre-Docência com o estudo *Sobre a indicação e os resultados do pneumotórax artificial na Tuberculose Pulmonar.*, Assumiu interinamente, em 1930, a cadeira de Clínica Médica, substituindo o Prof. Armando Tavares e, em 1946, com o falecimento do Prof. Sabino Silva, ele substituiu o mestre em caráter interino.

Ele só se tornou o titular da cadeira - Professor Catedrático da 3ª cadeira de Clínica Médica - em 1949, por concurso, defendendo a tese *Brônquios e Tuberculose*. Exerceu durante dezoito anos a cátedra, ministrando aulas sobre Diabetes Mellitus, colagenoses e, em especial, as patologias do aparelho respiratório. Com a inauguração do Hospital das Clínicas, ficaram famosas as sessões na enfermaria do hospital-escola, que tinha o predomínio das doenças respiratórias, conforme o testemunho de Dr. Almério Machado, um dos seus alunos mais destacados.

É considerado o iniciador da Pneumologia na Bahia, sendo o idealizador da Fundação Anti-Tuberculose Santa Terezinha, criada em 30 de abril de 1936, para prestar assistência social, sobretudo distribuição de alimentos aos doentes, sendo César Araújo o Diretor-Técnico vitalício. Dessa luta nasceu também o “Sanatório Santa

Terezinha” (atual Hospital Estadual Octávio Mangabeira), concluído em 3 de janeiro de 1942, com uma maternidade anexa ao hospital e que o teve como diretor até 1946. Em 17 de maio de 1945, inaugura numa chácara, no bairro de Brotas, o Preventório Santa Terezinha, construído com apoio das senhoras das tradicionais famílias baianas e com capacidade para abrigar 100 crianças de 4 a 10 anos, filhas dos pacientes tuberculosos pobres, quando profere o discurso “Em nome dessa infância que nem sabe sorrir” (César Araújo, 1945). Por essas e outras ações, é também considerado um dos pioneiros na campanha de Combate à Tuberculose no país.

A tuberculose era uma grande epidemia: nos anos 30, morriam em torno de 1600 pessoas por ano, em Salvador (cerca de 400 por cem mil habitantes). Em 1936, liderou um movimento enérgico de combate ao mal, que é “uma verdadeira tragédia de infortúnio, gerado pelo conluio sinistro da doença e da miséria” (César Araújo). Na solenidade de criação da Fundação Santa Terezinha, denunciou o descaso da saúde pública na capital: “cidade com legenda de hospitaleira, mas, quase sem hospitais para os pobres, não dispõe nem de 50 leitos no benemérito Hospital Santa Izabel” [que servia na época, década de 30, de hospital-escola para a FAMEB].

Ainda em 1936, assumiu a Inspeção de Profilaxia da Tuberculose, convidado pelo Interventor do Estado, Juracy Magalhães. No ano seguinte, em 29 de maio de 1937, reinaugurou o Dispensário Ramiro de Azevedo, que estava em ruínas, tornando-o uma referência na luta. Em seu discurso na solenidade de reinauguração desse local “onde, na clausura dos consultórios entre a dor e a indignação, desde a minha manhã profissional, tenho passado boa parte da vida”, termina afirmando que fala “em nome dos que sofrem e dos que choram a tragédia da Peste Branca”; “em nome dos que da vida, só conhecem as limitações miseráveis do destino, tanta vez injusto e cruel”; (...); “em nome das vítimas das desigualdades fatais, das cegas distribuições da sorte”(…); “em nome desses todos que vivem no casario infecto urbano, suburbano e infra-urbano, sem graça, sem alegria, sem sustento”; “em nome do tuberculoso pobre, em nome do vigor e da saúde da sua gente, dizimada pelas vidas que o flagelo todos os dias, todos os meses, todos os anos, impietosamente vai ceifando, em nome, por termo, dos mais sagrados princípios de solidariedade humana” (Araújo, *O Ramiro de Azevedo*, 1937). Naquele mesmo ano organizou mais dois Dispensários, dotados de Radiologia, além de um dispensário infantil, graças ao apoio dos colegas médicos Martagão Gesteira, Álvaro Rocha e Álvaro Bahia.

Esteve em estudos na Europa, em especial, na Alemanha, e aprimorou-se em Radiologia Clínica, de tal forma que, quando os radiologistas do Hospital das Clínicas tinham dúvidas, consultavam o Prof. César Augusto. O mesmo aconteceu com o Hospital Santa Terezinha, serviço que ele manteve um forte vínculo em toda sua vida, pois os pneumologistas desse hospital buscavam com frequência esclarecimentos e dirimiam dúvidas com o ‘mestre’ César de Araújo.

Ante a admiração dos discípulos, professores ou alunos, por ver ‘sombras’ com seu olhar sofisticadamente armado pelo conhecimento tácito, ele advertia: “Nada mais difícil de ver do que aquilo que está diante dos olhos”. O mestre sabia que, às vezes, os velhos paradigmas são como antolhos, que não permitem ver os lados, onde num deles pode estar o caminho. Outras de suas frases: “Tem muitos vírus a procura de doença” (o HIV está aí como prova); “Na Medicina como no amor, nem sempre, nem nunca”; “Nem tudo que pia é asma”.

Médico, professor, gestor público, César Augusto de Araújo foi também um membro atuante de sua categoria e de sua especialidade, sendo um dos fundadores, em 16 de setembro de 1936, da Sociedade de Tisiologia da Bahia. Em 1939, no 1º Congresso Nacional de Tuberculose, na capital federal, apresentou o trabalho “*A Incidência de Tuberculose no Preto*”. Não cometamos aqui o anacronismo de criticar o uso do termo ‘preto’ pelo professor, pois naquela época não era politicamente incorreto, e sim elogiamos a coragem do mestre de demonstrar a desigualdade da doença na população baiana. Ainda naquele ano, edita a “Revista de Tisiologia da Bahia”, que, como muitas revistas médicas na Bahia, vide a atual Gazeta Médica da Bahia, teve sua edição interrompida.

Em 1941, demonstrando que conciliava o ponto de vista clínico com o médico-social, publicou nos Arquivos de Higiene o trabalho “Tuberculose rural e nos pequenos centros urbanos” (Araujo, 1941), apresentado no 2º Congresso Nacional de Tisiologia. Na abertura da III Semana Anti-tuberculose da Bahia, de 15 a 22 de setembro de 1946, disse: “a verdade dura e triste é esta: a Bahia que no Brasil, sempre tem o primado nas artes, nas letras, nas ciências e em tantas cousas mais, (...), tem hoje mais este sombrio galardão: é a cidade do Brasil em que está morrendo mais de tuberculose! Ano de 1944, por exemplo: Bahia [Salvador]– 569,6 óbitos por 100.000 habitantes, Curitiba – 126,4 (a menor do Brasil). Nos Estados Unidos: New York – 47,9 por 100.000 e Iowa – 15,0 (a menor taxa daquele país)”. E de modo enfático afirmava: “*Cura-se a tuberculose e a tuberculose se evita*” (Ibidem).

Em 1957 foi inaugurado o Centro de Pesquisa e Dispensário César de Araújo.

Havia um artigo no Regulamento das universidades federais que obrigava o Professor a se aposentar aos 65 anos, porém tinha um dispositivo que permitia permanecer por mais cinco anos, caso fosse aprovado pela Congregação da Faculdade. Em abril de 1963, ao completar os 65 anos, o Prof. César pleiteou a permanência, tendo sido aprovado por apenas um voto a mais. Isto causou uma grande mágoa no mestre, mas ele ficou.

Este homem viveu um paradoxo: pneumologista, ele foi um fumante inveterado, que lhe causou sérios problemas de saúde, inclusive um enfisema que lhe limitou, nos últimos anos, a deambulação. Outra dimensão de sua complexa personalidade, encontramos nas palavras de um outro contemporâneo, o Prof. Magalhães Netto: “Familiarizado com as belas letras, era assídua a frequência a Machado de Assis e Anatole France. Daí a tendência ao ceticismo. Proust e Sartre lhe andavam à cabeceira do leito. Conhecia passo a passo a Comédia Humana”. César Araújo foi membro da Academia de Letras da Bahia, onde ocupou a cadeira nº 26, a partir de 11 de outubro de 1956. Ele na verdade honrou uma longa tradição de médicos que realizam a prática médica, muitas vezes produzem ciência, mas, para além da medicina, fazem artes, música, dança, pintura/escultura ou literatura, num recurso de resiliência. Em 1967, perto do seu afastamento, ele proferiu sua “última aula” no anfiteatro do HUPES, que atualmente tem o nome de Anfiteatro Prof. Gilberto Rebouças, a primeira pessoa que falou a este memorialista sobre a genialidade do ‘mestre’ César Araújo. Era uma Sessão Anátomo-Clínica, quando se discutia um caso clínico complexo: uma paciente com grave insuficiência respiratória, decorrente de doença intersticial pulmonar difusa, de difícil diagnóstico etiológico. Após análise minuciosa da gama de patologias que levavam àquele quadro, o Prof. César Araújo fez o diagnóstico de Fibrose Intersticial Pulmonar Difusa Idiopática (doença de Hamman-Rich). O diagnóstico foi confirmado pelos dados histopatológicos apresentados pelo patologista. Todos os presentes no anfiteatro ficaram de pé e aplaudiram o mestre em sua última aula.

Dai a César o que é de César. Não terá sido por acaso que César Araújo ostentou em vida o nome de imperador. Em 21 de dezembro de 1967, ano de sua aposentadoria, ele recebeu uma singela, mas bonita homenagem: foi inaugurado um quadro com sua fotografia na Enfermaria da 3ª Clínica Médica.

Sua filha Solange Araújo se casou com o médico cearense José Aragão Araújo, formado pela Fameb em 1949. Eles tiveram quatro filhos: dois homens e duas mulheres.

Um desses netos herdou do avô o nome – César Augusto de Araújo Neto – e do avô e do pai a profissão de médico e de professor, bem como a paixão pela radiologia.

O dia do encantamento do Prof. César Augusto de Araújo foi 04 de dezembro de 1969. Sobre ele disse o Prof. Luiz Fernando Macedo Costa: “O Mestre César convencia pela persuasão, envolvia pela bondade, conquistava pela dialética e conduzia pelo exemplo”. Ave, César! E, como disse Manuel Bandeira, a memória é um milagre!

### **RONALDO RIBEIRO JACOBINA**

Professor Titular de Medicina Preventiva e Social – FAMEB-UFBA e  
18º Presidente da ABM (1986-1987)



César Augusto de Araújo, aluno laureado em 1920.

### **Referências**

ARAÚJO, César Augusto. *Sobre a indicação e os resultados do pneumotórax artificial na Tuberculose Pulmonar*. 1927.

ARAÚJO, César Augusto. *Brônquios e Tuberculose*. [Tese de Concurso para Professor Catedrático da 3ª cadeira de Clínica Médica da FAMEB]. Salvador, 1949.

ARAÚJO, César Augusto. Tuberculose Rural e nos Pequenos Centros Urbanos. *Arquivos de Higiene*, v. 11, n. 1, jun.1941

FORTUNA, Cristina Maria M. *Memórias históricas da Faculdade de Medicina da Bahia relativas aos anos de 1916 a 1923*. Salvador, 2010 (Impresso).

MACHADO, Almério de Souza. A História da Pneumologia na Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 77, n. 2, p. 195-209, jul.-dez.2007.

SILVEIRA, José. Sombra de uma sigla (40 anos de IBIT). Salvador, 1977.

SILVEIRA, José. *Uma doença esquecida: a história da tuberculose na Bahia*. Salvador, 1994.